

ESTRUTURAS-QU FRONTEADAS E O ‘FOCO
GRAMATICALMENTE CONTROLADO’ – A
PARTICIPAÇÃO DE LÍNGUAS AFRICANAS EM
LÍNGUAS PARCIALMENTE E COMPLETAMENTE
REESTRUTURADAS*

Márcia Santos Duarte de Oliveira
Universidade de São Paulo
marcia.oliveira@usp.br

John Holm
Universidade de Coimbra
jholm@mail.telepac.pt

Abstract: In this study we build on earlier work, specifically Holm (2004), which proposes that ‘partially restructured languages’, like Brazilian Vernacular Portuguese (BVP), may share part of their substrate with the Atlantic creoles – ‘fully restructured languages’. This implies that this combination of languages may share a vast cultural legacy to varying degrees. The topic we analyze is that of sentences with fronted WH-question words with focus marking in BVP, compared with parallel sentences in Atlantic creoles. Our proposal develops the concept of a highlighter or focus marker, presented in Holm (1980), found in restructured languages from the Americas to the Indian Ocean that “highlighted the world”.

Keywords: restructured languages; highlighter; West African languages.

1. Introdução

Neste trabalho, comparamos frases com ‘perguntas-QU fronteadas’ no português brasileiro vernacular (BVP) com frases com perguntas-QU

* As ideias aqui apresentadas resumem estudos e análises realizadas dentro do escopo do pós-doutoramento de Márcia Santos Duarte de Oliveira, realizados na

fronteadas em línguas crioulas. Objetivamos demonstrar que nesses dois tipos de línguas, encontramos o mesmo tipo de marcação presente em línguas do oeste africano: “o foco do controle gramatical”. Nossa proposta corrobora o conceito de um *highlighther*, ou marcador de foco, apresentado em Holm (1980), atestado em línguas reestruturadas.

O trabalho divide-se em três seções além desta introdutória. Na seção (2), apontamos breves considerações sobre ‘Perguntas-QU Fronteadas’, ‘Foco’ e ‘Línguas Parcialmente/Completamente Reestruturadas’; na seção (3), introduzimos o conceito de ‘foco de controle gramatical’, atestado pela literatura em línguas africanas, enfatizando as perguntas-QU fronteadas. Apresentamos nossa proposta de que, em línguas reestruturadas (parcialmente/completamente), perguntas-QU movidas recebem o mesmo tipo de marcação de foco presente na gramática de línguas do oeste africano: o ‘foco de controle gramatical’. A seção (4) é dedicada às considerações finais.

2. Breves Considerações sobre ‘Perguntas-QU Fronteadas’, ‘Foco’ e ‘Línguas Parcialmente/Completamente Reestruturadas’

A seguir, apresentamos breves considerações sobre: (i) perguntas-QU fronteadas, (ii) foco e (iii) línguas parcialmente/completamente reestruturadas por entendermos que esses tópicos são centrais para a nossa proposta, a ser apresentada na seção (3).

2.1. Perguntas-QU Fronteadas

Perguntas-QU ocorrem em sentenças com *pronomes-Q*. Em Haspelmath (1977: 29-30), vê-se que as línguas podem expressar aproximadamente até sete categorias ontológicas de pronomes -QU, como a categoria *Pessoa* – “quem?” – por exemplo.

Em teoria da gramática, as línguas, no tocante a perguntas-QU, são repartidas em (i) *línguas in-situ* e (ii) *línguas de movimento*. Esta tipologia diz respeito às propriedades que as línguas apresentam de permitir ou não que os sintagmas-QU permaneçam no local onde são gerados na sentença.

Universidade de Coimbra no ano de 2009 sob a supervisão de John Holm. O âmbito do trabalho une, portanto, propostas de John Holm a propostas de Márcia Oliveira, sintetizadas em um tópico novo: a marcação do foco em línguas reestruturadas. Os autores agradecem os comentários do parecerista deste trabalho salientando que são de sua responsabilidade, e não do revisor, os possíveis problemas que persistirem.

Em chinês mandarim, por exemplo, as perguntas-QU não podem aparecer na posição inicial da sentença, diferentemente de línguas como o inglês em que essas perguntas sofrem movimento obrigatório para a área chamada de 'periferia esquerda da sentença' – ver Oliveira (2005: cap. 4). Línguas como o português, que atestam uma aparente ambiguidade – perguntas-QU 'in-situ' e 'movidas' –, têm sido tratadas, no tocante ao movimento-QU, como movimento para checar o traço de foco – ver Oliveira (2005: capítulo 4). Abaixo, atente para o movimento-QU na sentença em:

(1) [*Pra quem_i que você enviou o livro ____i ?*]

Em (1), o sintagma-QU *pra quem* foi movido da posição de argumento interno preposicionado do verbo *enviou* para uma posição fronteada como apontam os índices (i), que 'contam a história' desse movimento.

Atesta-se, na literatura, no tocante, à análise de estruturas que envolvem o movimento de perguntas-QU, como em (1), a abordagem de 'estrutura de clivagem'. Kato & Raposo (1996), entre outros, defendem que, em PVB, ocorre um apagamento da cópula em sentenças com 'QUs movidas e seguidas de *que*'. Logo, (1) poderia ser expressa como: *Pra quem (é) que você enviou o livro?*

Neste trabalho, propomos que perguntas movidas para a periferia esquerda da sentença e seguidas de partícula *que* (ver (1)) são sintagmas localizados em uma posição de checagem de foco com marcação explícita de partícula de foco em PVB. Essas sentenças, portanto, não fazem parte do conjunto das sentenças clivadas.

A seguir, apontamos a noção de foco que assumimos neste trabalho.

2.2. Aspectos da Categoria Foco

A noção de foco que assumimos neste trabalho se vê em Zubizarreta (1998: 1): "[...] *foco é definido em termos da noção discursiva de pressuposição: o foco é a parte não pressuposta da sentença.*"

A categoria *foco* é responsável por níveis de interface com praticamente todas as áreas da gramática e um exemplo é a interface sintaxe/fonologia em que se atesta, por exemplo, a importância da entonação na marcação do foco.

A literatura atesta uma diversidade funcional no sistema de foco por meio de uma *tipologia* 'fechada': (i) foco *assertivo*, foco *contrastivo* e foco *de listagem exaustiva* – ver Kuno (1972), Chafe (1976); (ii) foco *polar* e foco *polar contra-assertivo* – ver Watters (1979).

No tocante à marcação do foco em PVB (parte de nossa temática), chamamos a atenção para os seguintes fatos: (i) *perguntas-QU fronteadas e seguidas de que*, como em (1), têm sido analisadas como clivagem com apagamento de cópula – ver, entre outros, Braga, Kato & Miotto (2010: 270); (ii) estruturas clivadas são analisadas como estruturas de foco – ver, entre outros, Modesto (2001); (iii) clivadas-QU não têm o mesmo comportamento prosódico que outras clivadas. Observe os exemplos em:

- (2) a. *O que foi que vocês encontraram?*¹
 b. *O que que vocês encontraram?*
 (3) *Os meninos é que saíram*²

Em (2a) e (3) atestam-se estruturas clivadas, logo (2a) e (3) manifestam foco no elemento sintagmático fronteadado, seguido da cópula *foi/é* e *que*. No entanto, em (3), o sintagma nominal *os meninos* recebe uma interpretação de ‘foco contrastivo’ e isso é evidenciado por um pico entonacional em *os meninos* (alguém disse, por exemplo, que *as meninas saíram* e então o falante de (3) a enunciou). O mesmo não ocorre com o sintagma-QU *o que* em (2a). Apesar de estar claramente em uma estrutura de clivagem, não se atesta um pico entonacional em *o que* e, ainda, não se pode atribuir qualquer leitura de tipo de foco – ‘contrastivo’, por exemplo, a esse *o que*. A literatura simplesmente assume que em (2a) há foco, sem, contudo, explicar a razão de as perguntas-QUs não se comportarem como os outros sintagmas não-QUs (como (3)). O fato fica ainda mais interessante quando se atesta que, entre falantes do PVB (e ainda do PB), a predileção é por perguntas-QU fronteadas sem cópula como se vê em (2b) – a sentença (2a) é tipicamente um dado da escrita³.

A análise de estruturas como (2b) como foco pode ser melhor entendida se se atenta para a descrição da literatura africanista no tocante ao que Hyman & Watters (1984: 242, 244) – daqui em diante, H&W – denominam de *controle de foco*. Para H&W, línguas africanas (LAs) atestam marcação de

¹ Braga, Kato & Miotto (2010: 270; dado (60c), renumerado). Os grifos são nossos.

² Braga, Kato & Miotto (2010: 284; dado (96a), renumerado). Os grifos são nossos.

³ Neste trabalho, a sigla PVB – utilizada por Holm (2004) – diz respeito ao português não culto, chamado de vernacular. Na literatura no Brasil, a sigla PB – português brasileiro – é usada amplamente nos estudos sobre o ‘português culto falado no Brasil’, bem descrito nas regiões sudeste e nordeste do país. No tocante ao fenômeno em destaque: *perguntas-QU fronteadas, seguidas de que*, atesta-se ampla exemplificação em grande parte do país, tanto em meio a falantes cultos (PB), como a não cultos (PVB). Chamamos a atenção do leitor para o fato de que estamos analisando *dados da fala* de uma grande parcela de brasileiros e não da escrita.

foco em dois casos específicos: (i) em sintagmas que, devido a marcações morfossintáticas, apresentam uma tipologia 'fechada' de foco: *foco contrastivo*, por exemplo; (ii) em sintagmas ligados a uma estrutura sintática 'marcada' como *perguntas-QU* e *negação*, por exemplo. H&W ligam os casos em (i)-(ii) ao que denominam de *controle de foco pragmático e gramatical* respectivamente. Em (i), o falante tem a intenção de produzir o foco, logo ele é 'pragmático'; em (ii), a marcação de foco é totalmente independente da intenção do falante de produzir essa categoria gramatical. A focalização é simplesmente marcada por meio da presença de uma partícula.

Neste trabalho, exploramos a ligação da marcação do foco em sentenças como (1) e (2b) em PVB/PB ao controle de foco gramatical. O falante marca simplesmente o foco nessas estruturas, não atribuindo valores de *contrastividade*, *exaustividade*, por exemplo, ao elemento-QU que recebe a dada marcação de foco. O controle de foco gramatical, juntamente ao foco pragmático, é amplamente atestado em línguas africanas.

Observe, a seguir, exemplo de Oliveira (2007) sobre o *controle gramatical de foco* em ibíbio.

(4) Sentença com Pergunta-QU Movida e Partícula de Foco (FOCO DE CONTROLE GRAMATICAL) – Ibíbio (Lower Cross/ Cross River) – Nigéria

Ñsó ñ!kpó !ké afo à- ø- nám ? "Que coisa que você faz?"
 Ñsó ñ!kpó !ké àfò á- nám
 que coisa Foco você 2S. SA fazer

Em (4), o sintagma-QU está em posição fronteira, seguido de partícula de marcação de foco *ké*; não se trata de uma estrutura de clivagem (não há cópula) nessa construção. Quanto a este posicionamento, queremos enfatizar que discordamos, neste trabalho, de uma grande quantidade de textos na literatura que afirmam que, em construções de foco-QU fronteadas, mesmo quando não se atesta uma cópula explícita, trata-se de estruturas clivadas (com apagamento de cópula) – ver, entre outros, as análises de: Cheng (1991) para o árabe egípcio; McConvell (1973) para o hausa, Kato & Raposo (1996) para o PB. A noção de clivagem com apagamento de cópula, corrente na literatura, dá-se, a nosso ver, a partir de análises de línguas com clivadas atestadas, como o inglês. No entanto, não concordamos com esta visão, pois ao se propor uma análise de estrutura clivada com apagamento de cópula, se propõe uma estrutura clivada para uma dada construção: cisão de uma sentença em duas. Não é isso que parece ocorrer em muitas línguas e a literatura aponta para essa questão em muitos trabalhos – ver, entre outros, a análise de Green (2007) para o hausa.

Em (4), chamamos a atenção para o fato de que não há uma tipologia de foco presente na marcação do foco da pergunta-QU: não há leituras de *contrastividade*, *assertividade*, por exemplo, aplicada a esse sintagma-QU. Logo, (4) exemplifica o controle de foco gramatical (sem qualquer intenção do falante) em ibíbio. Oliveira (2007) afirma que a estrutura sintática de foco em (4) – *fronteamento de um sintagma, seguido de partícula de foco* – é a mesma para os casos em que se marca o foco em outros sintagmas não-QU nessa língua. A diferença é que, em outros sintagmas não-QU, a tipologia de foco se aplica (há a intenção do falante em produzir foco) – logo, nesses casos, ocorre *foco de controle pragmático*. No foco de controle pragmático atesta-se uma dada tipologia de foco como *foco contrastivo*, por exemplo.

O importante a ser destacado é que em ibíbio, e em várias LAs apresentadas na literatura, o foco de perguntas-QU apresenta a mesma organização sintática da marcação do foco ‘convencional’ (pragmático) nessas línguas: o foco fronteado não se dá dentro de uma estrutura de clivagem (estrutura biclausal), mas sim em uma estrutura monoclausal. A única distinção é que em perguntas-QU não se atesta ‘tipologia de foco’; ou seja, o foco nessas construções, em LAs vistas na literatura, é marcado no âmbito da gramática dessas línguas, sem interação pragmática evidenciada. Logo, a pressuposição nessas estruturas de foco não está ligada, em uma ‘Estrutura de Asserção’ (Zubizarreta (1988)), a um contexto prévio – Asserção 1 – em que se atribui uma variável e em uma segunda parte da Asserção – Asserção 2 – se ratifica o valor dessa variável (*foco assertivo*) ou se nega o valor dessa variável, substituindo-a por outro valor (*foco contrastivo*) – ver Zubizarreta (1988: 7). A pressuposição no foco de controle gramatical liga-se a uma ‘Estrutura de Asserção’ cuja variável é uma pergunta-QU – no caso, um quantificador existencial ou um nominal existencialmente quantificado (no sentido de Brito 2003); logo, não se atesta para essa variável uma ‘checagem de valor pragmático’ por meio de traço ‘assertivo’ ou ‘contrastivo’, por exemplo – como se explicita em Zubizarreta (1988).

Adesanya (2007) atesta o problema de falantes iorubás de apreenderem as diversificadas construções clivadas em inglês, evidenciando que a marcação de foco nessa língua africana não se dá dentro de uma estrutura de clivagem. A autora apresenta uma estrutura de foco em iorubá, correlata a uma estrutura clivada do inglês corroborando o mesmo tipo de estrutura exemplificada acima em ibíbio (Adesanya (2007: 151). O dado foi numerado; o itálico e a tradução são nossos. A autora não apresenta glosa):

- (5) Sentença com Sintagma Nominal Movido e Partícula de Foco (FOCO DE CONTROLE PRAGMÁTICO) – *Iorubá* (Benue-Congo/ Ioruboid) – Nigéria

Maria ni o fun omo ni osan lanaa

“Maria é que deu uma laranja ontem para o bebê”

Chamamos a atenção para o fato de o foco em iorubá ser estruturado da mesma maneira que em ibíbio – *fronreamento de um sintagma (Maria), seguido de partícula de foco (ni)*. Observe que não se trata de clivagem. O sintagma **Maria** está em posição fronteada na sentença, mas não se trata, em (5) de uma estrutura cindida. Exemplos como (5) em iorubá são de estruturas monoclausais e este fato é claramente evidenciado pelo próprio título do artigo de Adesanya (2007) que deixa implícito que não existem estruturas clivadas em iorubá (se elas existissem, os falantes iorubás não teriam problemas de entender tais construções do inglês). O exemplo em (5) em iorubá é de foco de controle pragmático (embora a autora não dê o nome do tipo de foco); no entanto, segundo Adesanya (2007:153), o marcador de foco seguido a um elemento fronteado (como em (5)) ocorre também em estrutura de perguntas-QU. Logo, iorubá também apresenta o foco de controle gramatical como exemplificado acima em ibíbio.

Resumindo o exposto acima: chama-se de *foco de controle pragmático/gramatical* – nos termos de H&W (1984: 242, 244) – a marcação de foco em línguas africanas ligadas a: (i) uma ‘tipologia fechada’, como por exemplo, ‘foco assertivo/ contrastivo’; (ii) uma morfologia de foco que independe da tipologia e da intencionalidade do falante de marcar o foco. A marcação se dá obrigatoriamente (como exemplificado com perguntas-QU em ibíbio (4) e em iorubá (5)).

2.3. Línguas Parcialmente/Completamente Reestruturadas

Em Holm (2004), apresentam-se os conceitos de línguas parcialmente/ completamente reestruturadas que utilizamos neste artigo.

Holm (2004) aponta cinco línguas que, segundo o autor, sofreram “reestruturação parcial”: (1) *Brazilian Vernacular Portuguese* (Português Brasileiro Vernacular) – PVB –, (2) *Nonstandard Caribbean Spanish* (Espanhol Caribenho Não Padrão) – ECNP –, (3) *African American English* (Inglês Afroamericano) – IA –, (4) *Afrikaans* – A – e (5) *Vernacular Lects of Réunionnais French* (Francês Vernacular de Reunião) – FVR. Holm propõe que PVB, ECNP, IA, A e FRV sejam línguas reestruturadas a partir do português, espanhol, inglês, holandês e francês, respectivamente. Para o autor, as ‘línguas parcialmente reestruturadas’ não se somam, tipologicamente, ao conjunto de línguas crioulas. Línguas crioulas, segundo Holm (2004) são ‘línguas completamente reestruturadas’.

De acordo com Holm (2000, 2004), línguas crioulas diferem de outras línguas completamente reestruturadas como as ‘misturas bilíngues’ (também chamadas de ‘intertwined languages’), por exemplo, que se desenvolveram fora de um ‘continuum pidgin’ (ou pré-pidgin). O pidgin pode ser definido como uma língua auxiliar não nativa em que se dá um processo de redução e simplificação dos falares contribuintes. Na pidginização, os falantes de um superstrato (ou língua fonte do léxico) – por definição, o grupo mais ‘poderoso’ política e socialmente – cooperam com falantes de línguas do substrato – sem influência social – para criarem uma língua do tipo emergencial. Isto ocorre a fim de que preencham uma necessidade de comunicação com propósitos específicos (ex.: comércio). Esta ‘cooperação’ ocorre pela ausência de uma língua em comum. Logo, os falantes das línguas do substrato têm a tarefa, nesse processo, de aprender o léxico do superstrato. No entanto, a fim de facilitar a compreensão, os falantes da língua do superstrato ‘imitam’ a forma como os falantes das línguas do substrato falam sua língua (o superstrato). Assim, o pidgin resultante, embora possua algumas normas, não é a língua nativa de nenhum dos grupos que a falam. Devemos ainda dizer que: (i) as línguas, nesse tipo de contato, não são ‘proximamente relacionadas’, pois se assim o fossem o resultado seria uma *koiné* e não um *pidgin*; (ii) a distância social entre os falantes da língua do superstrato e as do substrato é mantida durante os processos de comunicação, pois de outro modo, esses falantes poderiam afinal aprender, com naturalidade e certa perfeição, a língua um do outro.

A pidginização produz uma língua não nativa, reduzida e simplificada (que pode ser expandida por gerações ao encontrar novas necessidades comunicativas). Diferentemente, a crioulização produz uma primeira língua bem estruturada que retém alguns dos traços do seu pidgin ancestral, mas que é, em essência, tão ‘complexa’ como o é qualquer outra língua natural, mesmo sendo estigmatizada por razões sociolinguísticas.

Para Holm (2004), ‘línguas parcialmente reestruturadas’ (como PVB) se distinguem das variedades de línguas que são suas línguas fontes e que não são reestruturadas; essa distinção se dá por fatores sociais e linguísticos. Assim, o PVB, por exemplo, se distingue do PE (português europeu).

‘Línguas parcialmente reestruturadas’ são ainda distintas das variedades não-reestruturadas além mar do português, espanhol, inglês, holandês e francês. Logo, para Holm (2004: 135), PVB, por exemplo, difere do dialeto do português europeu falado na ilha da Madeira; e, ainda, o espanhol caribenho – ECNP – se difere do espanhol falado no Chile. Assim, embora ‘línguas parcialmente reestruturadas’ estejam relacionadas a ‘línguas completamente reestruturadas’ (línguas crioulas), fatores sociais e linguísticos definem um e outro conjunto de línguas.

O termo ‘línguas parcialmente reestruturadas’ equivale ao termo *semicrioulos* empregado na literatura; o termo ‘línguas completamente reestruturadas’ equivale ao termo *crioulos*. Holm (2004) opta pela substituição de *semicrioulos* para ‘línguas parcialmente reestruturadas’ embora

mantenha a terminologia língua(s) crioula(s) em detrimento de ‘línguas completamente reestruturadas’ – para detalhes da argumentação, ver Holm (2004: xii). Neste trabalho, seguimos a opção terminológica de Holm (2004).

‘Línguas parcialmente reestruturadas’, como o PVB, repartem com línguas crioulas do Atlântico parte do seu substrato “[...] *o que significa que elas também compartilham graus variáveis de um vasto patrimônio cultural.*” (Holm 2004: xiii, traduzido). No entanto, há diferenças culturais transmitidas na formação dessas línguas que o termo ‘línguas parcialmente reestruturadas’ não atesta.

Na próxima seção, argumentamos que, no tocante à marcação do foco em *perguntas-QU do tipo fronteadas*, o PVB/PB reparte uma marcação morfossintática idêntica a de línguas crioulas do Atlântico: *um marcador explícito de foco – de ‘controle gramatical’* (que não é uma estrutura de clivagem). Esta marcação de foco liga-se a línguas do oeste africano.

3. Perguntas-QU Fronteadas e o ‘Foco Gramatical’ em Línguas Reestruturadas

A literatura atesta, a partir do século XIX, que a marcação de foco (e tópico) no português brasileiro (PB) tem se dado de forma diferente do português europeu – PE. Observe os dados em:

- (6) *PE/ PB *Quem que foi lá?*
 (7) *PE/ PB *MARILDA que chegou* – exemplo de ‘foco contrastivo’⁴

Sentenças como (6) e (7) são boas em PB, mas agramaticais em PE (sobre as terminologias PVB e PB, atestadas neste trabalho, ver nota 3).

As sentenças do tipo (6) e (7) têm sido analisadas como ‘estruturas clivadas com apagamento de cópula’ – como mencionado nas subseções (2.1.) e (2.2.). Logo, segundo muitos autores, essas sentenças podem ser expressas como: (6’) *Quem (é) que foi lá;* (7’) *Marilda (foi/é) que chegou.*

Diferentemente da proposta de clivagem com apagamento de cópula, nossa proposta é que sentenças como (6) e (7) em PVB/PB manifestam uma estrutura de foco não inserida no conjunto das clivadas, mas ligada a uma mesma estrutura de foco atestada em línguas crioulas (línguas reestruturadas

⁴ Dado adaptado de Kato & Raposo (1996: (10a)).

como o PB/PVB). Essa estrutura de foco, monoclausal, é resultado do fenômeno de contato com línguas do oeste da África⁵.

Por questões de escopo do trabalho, restringimos nossa atenção a *perguntas-QU fronteadas*, como em (6), objetivando uma comparação dessas sentenças em PVB/PB com sentenças em línguas crioulas do Atlântico⁶.

3.1. Perguntas-QU Fronteadas em Línguas Crioulas do Atlântico

- *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Crioulo de Guiné Bissau*⁷

(8) Kin ki ten tera? “*Quem que tem terra?*”
 kin ki ten tera
 quem Foco ter terra

- *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Crioulo da Costa Miskito (Nicarágua)*⁸

(9) Bot a wa tu duu ? “*Mas que que eu faço (então)?*”
 bot a wa tu duu
 mas Foco o quê? eu fazer

⁵ Uma pergunta poderia ser feita: “*Se essa marcação de foco liga-se a línguas do oeste africano, então por que é que só a partir do século XIX (3 séculos depois do início desse contato) esta construção é atestada em PB?*”. A questão é que, na literatura, ao se dizer que esse tipo de marcação de foco atesta-se a partir do sec. XIX não se quer dizer que ela tenha ‘começado’ no século XIX. É no decorrer do sec. XVIII e início no sec. XIX que se documentam as primeiras alusões aos traços específicos característicos do PB; no entanto “[...] *pode-se prever que o PB atual já estava na mente dos brasileiros [...]*” – cf. Galves (2007: 525). Fatores de ordem de migração das áreas rurais para as urbanas, entre outros, podem, em muito, ter colaborado para a ‘evidenciação’ de traços do PB no sec. XIX.

⁶ O termo ‘línguas crioulas do Atlântico’ é um termo técnico em ‘Teoria do Contato’ e se refere aos crioulos que têm sido relacionados às línguas africanas (LAs); ou seja, línguas crioulas que têm LAs como seus substratos. Logo, justifica-se que, no conjunto de dados apresentados a seguir, línguas crioulas da Nicarágua e da Jamaica tenham sido incluídas; apesar de pertencerem à área caribenha, essas línguas, de acordo com a literatura, também têm como substrato línguas africanas.

⁷ Rougé (2004: 243). A glosa é nossa. A ‘tradução livre’ foi feita do francês para o português.

⁸ Holm (1980: 368, dado (5), renumerado). A glosa é nossa. A ‘tradução livre’ foi feita do inglês para o português.

- *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Crioulo Jamaicano (Jamaica)*⁹

(10) *a-wa* Anti sen fi mi ? “O que que Anti enviou pra mim?”

a wa Anti sen fi mi
Foco o quê? Anti (Tia) enviou para mim

- *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Caboverdiano*¹⁰

(11) *Kem ku* odja ? “Quem que você viu?”

kem k-u Ø odja
Foco Foco-2ª singular Perfectivo ver

- *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Príncipe (Ilha de Príncipe)*¹¹

(12) *kwa ki txi mese a*? “Que coisa que você quer?” / “Que que você quer?”

kwa ki txi mese a
coisa Foco 2ª singular quer partícula interrogativa

Nos exemplos acima de perguntas-QU fronteadas em línguas crioulas do Atlântico, vê-se a presença de ‘highlighters’ – *ki*, *a*, *ku* – introduzidos no sintagma-QU fronteadado (focalizado). Chamamos a atenção do leitor para o fato de que: (i) esses ‘highlighters’ são similares ao elemento *que*, atestado em perguntas-QU fronteadas no PVB/PB – ver (1), (2b) e (6)¹²; (ii) os ‘highlighters’ atestados em línguas reestruturadas assemelham-se a construções de ‘foco gramatical’ em línguas do oeste africano – reveja o ‘highlighter’ *ké* do ibíbio (4) e *ni* do iorubá (5).

⁹ Holm (1980: 368, dado (7), renumerado). A glosa é nossa. A ‘tradução livre’ foi feita do inglês para o português.

¹⁰ Quint (2000: 216, dado numerado). A glosa é nossa. A ‘tradução livre’ foi feita do francês para o português.

¹¹ Dado de trabalho de campo de Ana Livia dos Santos Agostinho – comunicação pessoal. Na glosa, é nossa a substituição da interpretação de *ki* como “pronomo relativo” (interpretação de Ana Livia) por *ki* “marcador de foco”.

¹² Chamamos a atenção do leitor para o fato de que estamos nos referindo a ‘similaridade’ desses ‘highlighters’ com o ‘que’ do PB em termos de estrutura sintática e não de marcação morfofonológica.

Segundo a literatura, as construções acima podem corroborar a mesma análise que se faz para sentenças como (1) e (2b), renumeradas, em PVB/PB: trata-se de estruturas de clivagem com apagamento de cópula: (16) [*Pra quem_i (é) que você enviou o livro ___i?] / (17) *O que (é) que vocês encontraram?* Logo, segundo a maioria das análises, os ‘highlighters’ apresentados em (8)-(12) podem estar estritamente ligados a uma estrutura com cópula (apagada ou não) – ver Kihm (1993), entre outros. Nossa proposta segue em sentido contrário. A observação dos dados acima, em comparação com a marcação do foco em perguntas-QU fronteadas no oeste da África, nos leva a argumentar que esses ‘highlighters’ não estão inseridos em uma estrutura de clivagem (que envolve cópula – apagada ou não). Trata-se de exemplos de *foco de controle gramatical* em que elementos são movidos para um sintagma foco e o núcleo desse sintagma é preenchido por uma partícula de foco – é um caso de estrutura monoclausal. Nessas estruturas, diferentemente de outros sintagmas não-QU, não se atesta uma tipologia de foco; o falante é direcionado a uma ‘estrutura marcada’, como ocorre na África. Logo, nos dados em (8)-(12), não há uma estrutura de clivagem: não há cópula, nem complementizador. Há um fronteamento de um sintagma-QU seguido de partícula de foco. E esses exemplos corroboram nossa proposta de que seja essa a estrutura em perguntas-QU fronteadas em PVB/PB como as apresentadas em (1), (2b) e (6).*

Acrescentamos aos dados acima, mais dois exemplos significativos, em sãotomeense, sobre a hipótese de a marcação do foco fronteadado de perguntas-QU em línguas reestruturadas estar fora de uma estrutura de clivagem:

- *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Sãotomeense*¹⁵

(13) *Andji (ku) bô be “Onde (que) você vai?”*

andji	(ku)	bô	be
onde	Foco	2ª singular	ir

- *Sentença com Sintagma Nominal Fronteado e Partícula de Foco em Sãotomeense*

(14) *Ami so kume “Eu que comi”*

Ami	so	kume
1ª singular	Foco	comer

¹⁵ Dados de Tjerk Hagemeijer – ‘minicurso: “As línguas do golfo da Guiné” – VI Encontro da ABECS.

Observe que o ‘highlighter’ *ku* que segue o sintagma-QU fronteado em sãotomeense (13) não é obrigatório¹⁴. No entanto, caso ele seja expresso, a marcação de foco é distinta da marcação de outros elementos não-QU fronteados na língua, como se vê em (14) por meio de *so* que segue o sintagma nominal *ami*. Em outros elementos não-QU focalizados em sãotomeense, a marcação pode ser até analisada como uma clivagem dadas as similaridades de *so* com a cópula *ser* do português (embora aqui também possa ser um típico caso de relexificação). Mas o fato crucial é que o marcador de foco para perguntas-QU fronteadas em sãotomeense é diferente do outro marcador de foco não-QU o que sugere que esta língua tenha um marcador de foco específico para perguntas-QU. O interessante é que esse marcador-QU é similar aos outros marcadores de outras línguas reestruturadas de base portuguesa, evidenciando um caso específico de marcação de foco que não envolve ‘clivagem’ (uma estrutura biclausal).

Logo, a nosso ver, perguntas-QU fronteadas em PB/PVB e em línguas crioulas atestam uma marcação específica de foco que se liga a uma construção de foco na África: *o foco de controle gramatical, marcado por partícula de foco*. Este fato gramatical corrobora o vasto legado de línguas (e culturas) do oeste africano na constituição de línguas parcialmente/completamente reestruturadas.

4. Considerações Finais

A característica incomum de ‘highlighters’ é que eles atestam uma função assinalada à entonação *assertiva/contrastiva/de listagem exaustiva* nas línguas europeias (do superstrato). A entonação para a marcação do foco é incompatível com o sistema de línguas tonais da maioria das línguas Níger-Congo (do substrato); assim sendo, os falantes nativos dessas línguas do substrato – que contribuíram para a formação das línguas crioulas (e das línguas vernaculares parcialmente reestruturadas) – marcam o foco, principalmente, por meio de partículas ‘highlighters’. Ainda: essas partículas são atestadas em construções sintáticas ‘marcadas’ nessas línguas, como perguntas-QU, por exemplo. Naturalmente, em línguas reestruturadas, existem estruturas sintáticas para a marcação do foco do tipo clivadas como: *“It’s that”* ou *“é X que ...”*, etc. No entanto, as estruturas clivadas não correspondem

¹⁴ Note que em caboverdiano ‘*ki*’ é também opcional – com a QU ‘*undi*’ (onde?), mas não com *kusé* ‘o quê?’. A ‘opcionalidade versus obrigatoriedade’ de ‘highlighters’ é um fato interessante que pode ter implicações para a nossa proposta. No entanto este estudo está fora do escopo deste trabalho.

exatamente à marcação de foco via morfemas ‘highlighters’, atestada em várias línguas africanas.

Neste trabalho, propomos que, em línguas reestruturadas, em uma construção particular de foco: *perguntas-QU fronteadas*, a marcação de foco segue a mesma estrutura atestada em línguas do oeste africano: o ‘*fronteamento de sintagmas-QU para uma posição de foco. No núcleo desse sintagma foco, ocorre um morfema do tipo ‘highlighter’*. Essa é uma marcação específica de foco, não ligada à intencionalidade do falante, mas que ocorre em estruturas marcadas, como perguntas-QU e negação. Enquanto em línguas crioulas de ‘base inglesa’ atesta-se *iz* (cf. ‘it is’) e nas formas basiletais correspondentes: **na**, **da**, **a**, nos crioulos de base portuguesa foram criados ‘highlighters’ a partir do **que** (relativizador/complementizador): **ki**, **ku**, etc. É ainda revelador que construções como “*quem que ...?*” em PBV/PB correspondam a formas como “*who dat?*” no ‘African American English’ (uma língua parcialmente reestruturada) e a formas como **udá** e **udát** nos crioulos atlânticos de ‘base inglesa’ como se atesta em Hancock (1969: 66-67).

Os ‘highlighters’ aqui apresentados podem ser atestados das Américas ao Oceano Índico e parecem apontar para uma construção típica de África que ‘invadiu o mundo’ a partir do fenômeno das Grandes Navegações, como explicitado por Holm (1980).

Referências

- Adesanya, Mercey’Funmi. 2007. Problems encountered by Yoruba speakers in learning English cleft constructions. In: *Journal of the Linguistic Association of Nigeria* 10: 147-155.
- Braga, M. Luiza, Kato, Mary A. & Carlos Mioto. 2009. As construções-Q no português brasileiro. In: Kato, M. Azawa & Milton do Nascimento. *Gramática do português culto falado no Brasil – a construção da sentença*, p. 241-294. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Vol. III.
- Brito, A. Maria. 2003. Categorias Sintáticas. In: Mateus, Maria Helena et alli (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*, p. 323-432. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Chafe, W. L. 1976. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In: Li, C. N. M. (Ed.). *Subject and topic*, p. 27-55. New York: Academic Press.
- Cheng, L. L. S. 1991. On the typology of wh-questions. PhD Dissertation, University of Massachusetts, Amherst.
- Green, Melanie. 2007. *Focus in Hausa*. Publications of the Philological Society, 40. Oxford: Blackwell.
- Haspelmath, Martin. 1977. *Indefinite Pronouns*. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press.

Holm, John. 1980. The creole 'copula' that highlighted the world. In: Dillard, J. L. (org.). *Perspectives on American English*, p. 367-375. J. L. Dillard (org.). New York: Mouton Publishers.

_____. 2000. *Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press.

_____. 2004. *Languages in Contact – the Partial Restructuring of Vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hancock, Ian F. 1969. A provisional comparison of the English-based Atlantic Creoles. *African Language Review* 8: 7-72.

Hyman, Larry & John R. Watters. 1984. Auxiliary focus. *Studies in African Linguistics* 15: 233-73.

Kuno, Susumu. 1972. Functional sentence perspective: a case study from Japanese and English. *Linguistic Inquiry* 3: 269-320.

Kato, Mary Azawa & Eduardo Raposo. 1996. European and Brazilian Portuguese Word Order: Question, Focus and the Topic Construction. In: Parodi, Claudia, Carlos Quicoli, Mario Saltarelli, Maria Luisa Zubizarreta (eds). *Aspects of Romance Linguistics*, 267-278. Selected Papers from the LSRL XXVI. Washington: Georgetown University Press.

Kihm, Alain. 1993. What is That you Said? A study of Obligatory Focalization in Two Creoles and Beyond. In: Byrne, Francis & Donald Winford. (Eds.). *Focus and Grammatical Relations in Creole Languages*, p. 141-162. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.

McConvell, P. 1973. Cleft sentences in Hausa? A syntactic study of focus. Doctoral dissertation, SOAS, University of London.

Modesto, Marcelo. 2001. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas, 2001.

Oliveira, Márcia Santos Duarte de. 2005. *Perguntas de constituinte em ibíbio e a teoria de tipo oracional: aspectos da periferia à esquerda com ênfase em foco*. München: LINCOM. *Studies in African Linguistics*, 65.

_____. 2007. *Remarks on TAM Morphemes in Ibíbio – Emphasis in Tense Markers Grammatically and Pragmatically Controlled*. Comunicação apresentada no CNRS/LLACAN (Centre National de la Recherche Scientifique/ Langage, Langues et Cultures d'Afrique Noire). Paris. Manuscrito. (Projeto CAPES/COFECUB: Proc. N° 511/05).

Quint, Nicolas. 2000. *Grammaire de la Langue Cap-Verdienne*. Paris: L'Harmattan.

Rougé, Jean Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.

Zubizarreta, Maria Luisa. 1998. *Prosody, focus and word order*. Unpublished manuscript. University of Southern California, Department of Linguistics, Los Angeles, CA.

Watters, John. R. 1979. Focus in Aghem. In Hyman, Larry. M. (Ed.). *Aghem grammatical structures*, p. 137-97. Los Angeles: University of Southern California. Southern California Occasional Papers in Linguistics No. 7.

Recebido em: 06/04/2010
Aceito em: 11/05/2010
